

## A INTERSUBJETIVIDADE COMO PRÁTICA DIALÓGICA: O diálogo filosófico entre Vilém Flusser e Milton Vargas

Diogo Andrade Bornhausen<sup>64</sup>

### Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar a importância atribuída por Vilém Flusser ao conceito de “intersubjetividade” no campo da comunicação, por meio da análise de suas correspondências com o engenheiro e filósofo Milton Vargas. Além de suas obras publicadas, Flusser fez uso intenso da atividade epistolar, que fornece um contexto valioso sobre o ambiente e as motivações que influenciaram o desenvolvimento de suas principais ideias. Sua interlocução com Vargas, a mais longa de sua produção escrita e ainda inédita, abrange vinte e cinco anos de troca de cartas, permitindo uma visão profunda de seu pensamento. Neste material, a intersubjetividade se destaca como um elemento central da comunicação, sendo vista por Flusser como uma estratégia para superar a objetivação e subjetivação do pensamento, além de possibilitar a criação de ambientes dialógicos que integram as dimensões epistemológicas, éticas e estéticas da cultura.

**Palavras-chave:** Vilém Flusser; Milton Vargas; Comunicação; Intersubjetividade.

### Abstract

This study aims to investigate the importance Vilém Flusser attributed to the concept of "intersubjectivity" in the field of communication, through the analysis of his correspondence with the engineer and philosopher Milton Vargas. In addition to his published works, Flusser made extensive use of epistolary activity, which provides valuable context on the environment and motivations that influenced the development of his main ideas. His written dialogue with Vargas, the longest of his career and still unpublished, spans twenty-five years of letter exchanges, offering a deep insight into his thinking. In this material, intersubjectivity stands out as a central element of communication, seen by Flusser as a strategy to overcome the objectification and subjectification of thought, while enabling the creation of dialogical environments that integrate the epistemological, ethical, and aesthetic dimensions of culture.

**Keywords:** Vilém Flusser; Milton Vargas; Communication; Intersubjectivity.

### Introdução

A relevância intelectual de Vilém Flusser, especialmente no campo da filosofia da cultura e da comunicação, deriva de sua profunda dedicação à análise de temas variados que permeiam a realidade contemporânea. Flusser explorava desde aspectos triviais da vida cotidiana até questões fundamentais para as ciências do conhecimento,

---

<sup>64</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Diretor de Pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (PUC-SP) e do Grupo de Estudos da Complexidade (UFRN) e Professor do Centro Universitário Armando Alvares Penteado (Faap). E-mail: [diogobornhausen@gmail.com](mailto:diogobornhausen@gmail.com).



buscando sempre desvendar os modelos de pensamento que estruturam as sociedades. Suas reflexões encontram-se difundidas em diversos meios, como ensaios publicados em jornais e revistas, cursos e palestras que ministrou, além de uma vasta correspondência com intelectuais, alunos, artistas e editores ao redor do mundo. Todo este material, cuidadosamente datilografado pelo autor e zelado por sua esposa Edith Flusser, sinalizam a importância que a escrita tinha para ele, vista como expressão de seu estar-no-mundo e como possibilidade de por meio dela se transformar.

A abordagem linguística de Flusser era caracterizada por um jogo de significados que frequentemente envolvia a tradução de suas próprias ideias para outros idiomas, de modo a explorar com mais profundidade as nuances de suas reflexões. Ele incentivava seus leitores a se engajarem ativamente nos diálogos provocados por seus textos, como exemplificado em “Filosofia da Caixa Preta” (Flusser, 2018). Além de suas publicações, seu envolvimento epistolar foi um aspecto central de sua metodologia, especialmente em sua interação com o cenário intelectual de São Paulo e, posteriormente, com o contexto internacional até seu falecimento. Flusser via o diálogo, seja por meio de textos publicados ou trocas pessoais, como um método essencial para a construção e o aperfeiçoamento de suas ideias.

A análise de suas cartas permite uma compreensão mais profunda dos processos pelos quais Flusser desenvolveu muitos de seus conceitos centrais. Esses documentos revelam suas interações com seus interlocutores e, principalmente, os debates que contribuíram para o amadurecimento de suas teorias. O presente estudo visa, especificamente, explorar a correspondência entre Flusser e Milton Vargas, filósofo e engenheiro, com quem manteve um diálogo intenso por vinte e cinco anos. Para o presente texto, se investigará a forma como Flusser desenvolve o conceito de “intersubjetividade”, utilizado em várias de suas publicações, mas que, com Vargas, ganha proximidade na forma como Flusser o concebia como meta da comunicação, o que faz desta ideia um importante elemento para compreensão de sua obra.

#### **Cenário das interlocuções filosóficas**

As circunstâncias que cercam o encontro entre Vilém Flusser e Milton Vargas são pouco claras, mas acredita-se que tenha ocorrido por volta de 1960, quando Flusser começou a interagir com membros do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), como Vicente Ferreira da Silva,



Miguel Reale e o próprio Vargas. Naquela época, Flusser já havia vivido duas décadas no Brasil, tendo chegado ao país como refugiado da ocupação nazista em Praga, em 1938. No Brasil, ele enfrentava desafios para se inserir no meio intelectual, buscando em vão publicações para seus textos, tanto nacionais quanto internacionais.

A aproximação com esses pensadores se deu, inicialmente, por meio de Vicente e Dora Ferreira da Silva, cujas discussões sobre teoria do conhecimento, cultura e linguagem exerceram um impacto profundo sobre Flusser, algo que ele descreveu como um "choque intenso e vivificador em muitos sentidos" (Flusser, 1974a). Milton Vargas, por sua vez, além de renomado engenheiro especialista em mecânica dos solos, era também filósofo da ciência e crítico literário. Foi ele quem introduziu a disciplina de "Filosofia e Evolução da Ciência" na Escola Politécnica da USP, a qual Flusser assumiria anos depois, ampliando sua interlocução entre tecnologias e humanidades, um tema de grande interesse para ambos, como se comprova na série de textos e cursos por ele pensados e apresentados ao IBF nesta época.

Ao contrário de uma relação mantida com concordância sobre os temas que vinham sendo pensados por eles, a amizade de Vargas e Flusser se figurava como o "conceito vivo de compensação de opostos: Vargas, o catedrático; Flusser, o antiacadêmico por excelência e professor rigoroso", como declara Maria Lilia Leão (Leão, 2015, p. 430). A divergência sobre temas como geopolítica, arte, crítica literária e regimes políticos, como a ditadura militar no Brasil e o nazismo, não impedia o diálogo, mas, ao contrário, enriquecia a troca de ideias. Para Flusser, tais questões, por mais que tocassem sofrivelmente sobre sua vivência e sua condição no mundo, não lhe representavam impeditivo para continuidade da interlocução, mas sim, as utilizava como elemento vinculador e potencializador de novas interpretações que pudessem surgir. Como teve oportunidade de declarar a Vargas em algumas situações:

As nossas divergências são devidas ao nosso background diferente, as nossas experiências divergentes e a nossa práxis divergente. E o nosso fundamental acordo se deve à nossa origem social semelhante, à nossa cultura semelhante, e ao fato básico de ambos procurarmos honestamente instaurar a nossa vida sobre valores transcendentais. (Flusser, 1970, p.3)

Sou apocalíptico, e você integrado. Mas dá na mesma. Pois é a integração que está em apocalipse. Ou o apocalipse está sendo integrado. De duas uma: ou você está se tornando paroquial, ou eu estou perdendo o solo. Agarremo-nos um ao outro, para equilibrar-nos. Afinal, por mais que paremos distanciar-nos um do outro concordamos no fundamento: é preciso agir *hic et nunc* dentro dos parâmetros estreitos que nos são abertos. Ou, para falarmos com Mahomé, tão atualmente voga: Viver para este mundo como se



formos a viver eternamente, e para o outro como se formos a morrer hoje. Neste sentido tanto o teu quanto o meu engajamento se sustentam, e não precisamos de rótulos como o é a “revolução burguesa”. (Flusser, 1974c, p. 2)

Flusser, ao priorizar a honestidade e o engajamento em sua relação com Vargas, evidencia a importância do envolvimento pessoal em seus diálogos. Esse enfoque não se limitava ao conteúdo das discussões, mas permeava a maneira como ele estruturava sua filosofia e observava os fenômenos ao seu redor. Para Flusser, o conhecimento não era apenas um exercício intelectual, mas uma prática existencial que exigia uma profunda conexão com o mundo. Essa vinculação pessoal, ou disponibilidade intersubjetiva, era um aspecto essencial de seu pensamento, compartilhado também nas reflexões teóricas de Vargas.

### **Entre objetividade e subjetividade: Repensando os modelos de pensamento**

De acordo com análises anteriores (Bornhausen, 2020), Vilém Flusser desenvolve uma crítica profunda aos “modelos de pensamento” que influenciam as realidades sociais. Ele argumenta que, embora os meios de comunicação desempenhem um papel relevante, é essencial compreender como os códigos atuam sobre a cultura, suas propriedades mediadoras e como as mudanças nesses códigos provocam transformações significativas na comunicação. Flusser identifica três principais modelos de pensamento: o pré-histórico (Flusser, 2008), baseado nas imagens tradicionais e no pensamento mágico-imaginativo; o histórico (Flusser, 2010; 2007), fundamentado na textualidade e no pensamento linear e progressivo; e o pós-histórico (Flusser, 2011a), que combina aspectos dos dois anteriores, mas é representado pelas imagens técnicas e pela delegação da subjetividade da criação aos aparelhos.

Cada um desses modelos, segundo Flusser, impõe diferentes condicionantes à forma como as sociedades vivem e interpretam suas realidades. Os códigos imagéticos, conceituais e tecnológicos funcionariam como modelos de vivência, empregando uma estética própria, de comportamento, regulando eticamente e politicamente estes grupos, e de conhecimento, fornecendo formas específicas de consciência sobre a vida (Flusser, 2014). Dessa forma, os modelos de pensamento também determinam os limites e as possibilidades de liberdade, questão central no pensamento de Flusser, que se dedicou a entender como cada modelo oferece diferentes perspectivas sobre a existência e a realidade.

Ao abordar os desafios do contexto pós-histórico, Flusser defende que a transição entre esses modelos envolve crises, causadas pela inadequação dos paradigmas estabelecidos para lidar com as novas condições. Essas crises se manifestam, por exemplo, na maneira como o ser humano lida com a realidade e recria as informações que recebe. Para Flusser, a objetivação do



conhecimento científico é um dos principais problemas dessa transição, pois transforma o mundo em algo que pode ser logicamente ordenado e manipulado. Essa objetivação, parte integrante do modelo ocidental de pensamento, gera um distanciamento entre sujeito e objeto e cria um clima de alienação e frustração, descrito por Flusser como alimentado pelo ódio, uma vez que desconecta o fenômeno de sua essência.

No cenário descrito por Vilém Flusser, a total objetivação do mundo impõe uma inércia no comportamento humano, resultado de uma crença inabalável nos instrumentos e no pensamento objetivo. Essa inércia, marcada pela submissão aos programas tecnológicos, é simbolizada pelo "funcionário", uma figura apática e entediada, incapaz de questionar a estrutura que o rodeia. Flusser alerta que essa condição, se mantida inalterada, pavimentava o caminho para uma nova forma de totalitarismo, em que os aparelhos tecnológicos assumem o controle e ameaçam a liberdade e o conhecimento humano, reduzindo-os a meros objetos programáveis. Em carta enviada a Vargas, em Novembro de 1974, Flusser busca aprofundar as causas deste prognóstico, inserindo a si e seu interlocutor como agentes envolvidos nestas situações:

Como se tivéssemos que viver rapidamente, antes que a coisa desmorone. A questão é: que coisa? O “nosso mundo”, obviamente. Mas acaso não acabou já esse mundo “nosso”? Não somos acaso, há muito tempo, sobreviventes? (Flusser, 1974d, p. 2)

Com o segundo milênio morrerá a filosofia, portanto a minha maneira de pensar, e seus assassinos (Marx, Nietzsche, etc) e seus coveiros (os fenomenólogos e estruturalistas), são meus amigos. Com ele morrerá a arte, portanto a minha maneira de sentir, e seus carrascos (os comunicólogos e media manipulators) são meus amigos. Com ele morrerá a política, portanto a minha maneira de agir, e seus coveiros (os futurólogos, tecnocratas, teóricos da decisão, dos jogos, etc) são meus amigos. Talvez não morrerá com ele a ciência (minha maneira de saber), nem a religião (minha maneira de viver), mas, disto estou certo, o terceiro milênio terá ciência e religião para mim irreconhecíveis. Com efeito: o “eternamente humano” aquela suposta infra-estrutura que permanece intocada pelo fluxo das catástrofes e dos saltos, está se desfazendo. (Flusser, 1974d, p. 3)

Isto confere ao nosso engajamento nota quixotesca. Escrevemos para chineses que não sabem ler nossos textos, e construímos estradas para chineses que não tem automóveis. E não podemos nem aprender chinês nem andar sobre as mãos, por sermos “paleo”. (Flusser, 1974d, p. 4)



A postura confessional de Vilém Flusser em suas correspondências com Milton Vargas transcende a esfera privada da troca de cartas, refletindo a percepção de ambos como intelectuais que vivenciavam uma transição nos modelos de pensamento. Para Flusser, Vargas encarnava o ideal do “uomo universale” renascentista, um erudito cujo saber integrava diferentes campos, como a ciência, a política e a arte. Essa visão era recíproca, visto que Vargas também mais tarde caracterizou Flusser de forma semelhante (Mendes, 2000). Esse reconhecimento mútuo permitiu a Flusser explorar e testar seus dilemas teóricos em suas interações com Vargas, desafiando-o em algumas ocasiões e, em outras, acolhendo suas contribuições. As correspondências revelam uma rica produção intelectual, com Flusser frequentemente transformando essas trocas em verdadeiros tratados sobre os modelos científicos, éticos e estéticos, sempre vinculados à sua expectativa de que os outros se engajassem criticamente no processo de reflexão.

Essa dinâmica é claramente visível nas cartas de Flusser, datadas de 22 de dezembro de 1980 e 12 de janeiro de 1981, nas quais ele responde ao convite de Vargas para discutir o livro “Metodologia da pesquisa tecnológica na engenharia civil”. Embora o tema fosse externo à sua área de expertise, Flusser utilizou o conteúdo como ponto de partida para interrogar-se sobre o papel da pesquisa científica e do cientista. Enquanto Vargas defendia a objetividade como um sinal de honestidade intelectual, devido à imparcialidade da ciência, Flusser criticava essa visão, argumentando que ela mascarava a desonestidade inerente à tentativa de excluir a influência do sujeito sobre o objeto de estudo. Utilizando as pesquisas de Vargas como base para sua reflexão, Flusser o explica:

Você considera a ciência e a técnica como que disciplinas suspensas no ar, e não como disciplinas de um homem mergulhado na sociedade. Pois, para mim, isto é sumamente perigoso, porque despolitiza e desestetiza a ciência e a técnica, amputa a sua responsabilidade para com a sociedade. (Flusser, 1980, p. 3)

Ciência e técnica são, antes de mais nada, formas de poder, e não salientar isto é colaborar com o poder estabelecido, o qual visa, precisamente, tornar invisível a função da ciência e da técnica aos olhos dos dominados. (Flusser, 1980, p. 3)

O que acabo de dizer se refere à “política” senso lato, mas refere-se igualmente a que se costumava chamar “arte”. A transformação do ambiente em conjunto de caixas pretas e obras trans-humanas desumaniza a “Lebenswelt”, e contribui, tanto quanto o progresso científico e técnico despolitizado, para a robotização da humanidade. A responsabilidade do engenheiro não se restringe ao campo político,



mas abrange igualmente o estético, o da “vivência”, pois ele não é apenas manipulador, mas também designer. (Flusser, 1980, p. 3)

O cientista e o técnico do qual você fala, e o qual julga perigosa a politização e estetização (isto é: existencialização) da sua disciplina, é duplamente iludido. É iludido por supor que a valoração ética e estética é movimento externo ao conhecimento e ao fazer, que pode ou não ser “acrescida” ao conhecimento e ao fazer, quando, na realidade, todo conhecimento e todo fazer estão desde já informados pelos valores, ou não poderiam existir. E é iludido por não se dar conta que sua negação dos valores resulta, na realidade, na afirmação dos valores da classe dominante, em função da qual conhece e age. Calcular represas ou programas de computação, construir fábricas ou estradas, e até teorias biológicas ou astronômicas, é atividade política e estética, e torna-se atividade política e estética “opressora”, se não estiver iluminada pela consciência política e estética de quem a executa. Como os cientistas e técnicos honestos não mobilizam tal consciência, tanto a ciência “pura” como a técnica “funcional” vão se tornando, atualmente, atividades des-humanizantes. E despertar a consciência política e estética do cientista e técnico é uma das tarefas mais urgentes com as quais o intelectual (filósofo, crítico, ensaísta) se confronta. (Flusser, 1981a, p. 4)

Flusser estende sua crítica à objetividade para além das ciências, ainda que estas forneçam a base inicial de sua análise, especialmente no contexto de seu diálogo com Milton Vargas. Em sua visão, a objetivação reflete uma crença estrutural no pensamento ocidental, que concebe o sujeito como uma entidade transcendental e apartada do mundo que deve ser conhecido e manipulado. Esse distanciamento teórico e prático, segundo Flusser, provoca uma alienação que desconecta sujeito e objeto, ocultando a forma como ambos se influenciam reciprocamente. Tal separação resulta na fragmentação das esferas estéticas, éticas e epistemológicas, que passam a ser vistas como oposições rígidas. Em dois textos endereçados a Vargas, Flusser discute como essa crise de valores reflete diretamente na responsabilidade do sujeito no processo de conhecimento, enfatizando as consequências dessa desconexão para a compreensão da realidade.

No primeiro, “Criação Científica e Artística”, de 1982, publicado na “Revista do IBF”, reitera o papel do cientista:

Tal transcendência “objetiva” é impossível. Não importa o que o homem faz, inclusive quando conhece, o homem continua preso ao mundo. Isto é: preso aos valores. Os modelos da teoria científica não são isentos de valores, mas são modelos que se querem isentos de valores, portanto, são, eles próprios, valores. Isto é: valorizam a “razão



pura”; mais ainda: sobrevalorizam-na. O que fornecem não é “conhecimento transcendente, objetivo”, mas conhecimento parcial, relativo a determinado ponto de vista. (...) Cientistas não são super-homens, mas gente amputada dos valores, gente handicpada, infra-homens. Seu conhecimento extraético, extrapolítico, extraestético, é na realidade conhecimento des-etizado, despolitizado, anestésico, conhecimento truncado e portanto neste sentido falso. (Flusser, 1982a, p. 66)

Vilém Flusser identifica o afastamento ético e estético como causa central da esterilidade da ciência e de sua desonestidade, uma crítica que adquire um tom de confronto nas discussões com Milton Vargas, dado que se origina de diferentes concepções de mundo. Entretanto, embora Flusser pareça focado em desconstruir as posições de Vargas, seus diálogos revelam também uma busca por uma reconstrução compartilhada, ajustada aos desafios impostos pela crise dos “modelos de pensamento”. Flusser defende que a superação dessa crise envolve a capacidade de romper com modelos antigos e construir uma nova compreensão sobre a pesquisa e a técnica, incorporando os aspectos éticos e estéticos que essas práticas exigem.

No segundo ensaio, ainda inédito, que Flusser envia a Vargas, ele esclarece essa necessidade de transformação por meio de uma alegoria: a metáfora dos óculos. Nesse ensaio, Flusser destaca como a percepção objetiva da realidade é moldada por “lentes” que precisam ser desconstruídas para que se abram novos caminhos de interação entre o sujeito e o mundo. Ao utilizar os óculos como exemplo, ele demonstra como os fatores éticos, estéticos e políticos influenciam a maneira como percebemos e agimos sobre a realidade.

Tudo isto aponta o fato simples que óculos são instrumentos de mediação num sentido radical do termo: estão entre nós e a nossa circunstância, possibilitam a nossa comunicação com a nossa circunstância, não nos damos conta do fato que os óculos estão lá, e quando acaso nos lembramos disto, os óculos deixam de funcionar satisfatoriamente. Este último aspecto da mediação é importante: No instante no qual os óculos passam para a nossa consciência, a circunstância passa a adquirir caráter “fenomenal”, isto é: caráter de aparência pelo menos parcialmente “informada” pelos óculos que usamos. Por isto devemos nos acostumar sempre quando compramos óculos novos, (devemos “esquecê-los”), e por isto gente como Kant e Husserl são perturbadores, já que não nos deixam esquecer os óculos que usamos. Os fabricantes de óculos (como Spinoza), e os críticos de óculos (como Kant, Husserl e Ortega) destroçam todo “realismo” ao nos lembrarem constantemente os óculos que se interpõem entre nós e a nossa circunstância, portanto entre nós e aquilo que desesperadamente gostaríamos de chamar “a realidade”. Portanto





gente como Spinoza, Kant, Husserl e Ortega estão na raiz do estruturalismo (e da teoria da comunicação que é consequência do estruturalismo). (Flusser, 1973, p. 1)

Se soubermos que coisa são os óculos (se olharmos e analisarmos), poderemos “descobrir” a estrutura das mensagens que recebemos do mundo, e, neste sentido mediato, a estrutura daquilo que gostaríamos chamar “a realidade”. (Flusser, 1973, p. 2)

Tudo virou óculos, e nada ficou para ser visto através deles. Wittgenstein: o mundo não se compõe de coisas (Sachen), mas de relações entre as coisas (Sachverhalte). (Flusser, 1973, p. 2)

A metáfora dos óculos visa convencer Vargas da necessidade de abandonar a segurança proporcionada pelas lentes da objetividade e adotar outras formas de percepção que permitam novas relações com o mundo. A superação da dicotomia entre a subjetividade da inspiração e a objetividade científica implicaria em uma nova abordagem que reconhece a inter-relação ética, estética e epistemológica de todas as ações, admitindo a intersubjetividade presente em cada uma dessas esferas.

### **O Caminho relacional da intersubjetividade**

O reconhecimento das limitações impostas pela fragmentação causada pela objetividade, bem como o esforço para superá-las em busca de um saber intersubjetivo, permeiam o pensamento de Vilém Flusser em diversas vertentes de sua investigação filosófica. A análise de sua correspondência com Milton Vargas evidencia a importância do diálogo para que Flusser desenvolvesse e estimulasse novos modos de articular o pensamento. Esses diálogos mostram como ele se engajou ativamente na transformação dos modelos de conhecimento que investigava.

Epistemologicamente, Flusser identifica as condições que moldam a valoração dos fenômenos e da realidade, sugerindo que pensar intersubjetivamente implica entender os limites da percepção humana sobre o mundo e sua capacidade de atuação sobre ele. Em “Língua e Realidade” (2007d), Flusser explora essa ideia a partir de sua experiência poliglota, afirmando que a realidade pode ser vivida de forma criativa, desde que haja envolvimento epistemológico e disposição para o jogo linguístico. Além disso, essa abertura exige uma nova ética, construída em torno da “dúvida” (Flusser, 2011b), em contraposição ao pensamento cartesiano, com a dúvida se tornando um princípio central para enfrentar a realidade.



Para Flusser, este exercício permitiria a formação “papel do crítico (de) restabelecer a unidade humana em toda articulação cultural, para evitar a “especialização”, essa peste que nos corrompe” (Flusser, 1981b, p. 2). Nesse sentido, ele também defende a ação criativa, especialmente no campo artístico, como um meio de remodelar os padrões sociais. Sua proposta para a Bienal de Artes de São Paulo e seu diálogo com diversos artistas são exemplos de como ele via a expressão estética como uma ferramenta poderosa para a transformação social. Ao procurar sintetizar estas ideias, esclarece a Vargas no mesmo texto “Criação Científica e Artística”:

Quem diz que o homem está sempre no mundo, está dizendo que o homem está sempre com outros homens. Que tudo que vai conhecendo, vivenciando e valorizando é conhecido, vivenciado e valorizado graças a outros, em conjunto com outros, e para outros. Todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo. A objetividade e a subjetividade (ciência e arte no significado moderno dos termos), não passam de horizontes abstratos da relação concreta que o conhecimento intersubjetivo. Em outros termos: todo conhecimento é concretamente político, e a ciência e a arte modernas não passam de duas avenidas de acesso a tal concreticidade. Ciência e arte se concretizam politicamente. (Flusser, 1982a, p. 68)

A vivência, a valoração e o agir voltados para a transformação configuram-se como processos interrelacionados e codependentes que, segundo Flusser, poderiam possibilitar um novo modo de estar no mundo e de lidar com as informações ao nosso redor. A realização das potencialidades inerentes à intersubjetividade, entretanto, exige também a consciência da relação com os outros, uma construção mútua que envolve a interação humana em todos os níveis.

Com esse objetivo, Flusser se engajou com Vargas em cursos ministrados no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), na Escola Politécnica e no planejamento do curso de Comunicação e Humanidades da FAAP. Ambos observavam que a crise de valores, especialmente em relação à objetividade, derivava de sua adoção como modelo de ensino e como instrumento de replicação técnica e especializada, determinando as relações humanas em função do campo técnico. Como resposta, Flusser buscou alternativas que pudessem superar essas condições, sobretudo através de seu envolvimento prático no ensino. Ele defendia uma revisão das estruturas educativas, propondo a substituição da primazia da especialização pelo incentivo à universalização do saber, permitindo uma nova abordagem no trato com o conhecimento.



Para Flusser, a educação deveria estimular criticamente a disponibilidade intersubjetiva, alinhando-se com seu entendimento de um diálogo permanente em suas interações. Em sua autobiografia filosófica, *Bodenlos (Sem Chão)*, ou *Atestado de Falta de Fundamentos*, na versão em português, ele formaliza como esse caráter dialógico foi central em seus inúmeros diálogos, correspondências e interações. Longe de descrever fielmente seus interlocutores, Flusser enfatiza como cada um deles representava uma oportunidade para praticar a intersubjetividade e buscar o aprendizado mútuo. No perfilamento feito sobre Milton Vargas, Flusser comenta os fundamentos desta comunicação:

Por isto o diálogo se dava (até em momentos aparentemente levianos) em clima religioso. E foi em tal clima que a complementariedade dos dois se revelava extremamente fecunda. Um aprendeu não apenas a tolerar a vocação do outro, mas a reconhecer nela o seu outro lado. Não se tratava, em tal nível, de conhecer a posição do outro, mas de reconhecê-la e reconhecer-se nela. (Flusser, 1974b, p. 3)

Mas o aspecto mais radical do diálogo era este: a existência mesma de um problematizava a existência do outro. Negavam-se mutuamente. E é isto a verdadeira dialética religiosa (aquilo que o Talmud e o Evangelho chamam “o amor ao outro”). Um não era possível por causa do outro, e, portanto, um não era possível sem o outro. E tal dialética se resolve apenas no Totalmente Outro. O choque das duas existências irreconciliáveis, e, portanto, carentes uma da outra, provocava constantemente a Totalidade. (Flusser, 1974b, p. 5)

Vilém Flusser concebe a relação com o outro como uma interdependência mútua e complexa, em que os conceitos de identidade e alteridade se complementam de maneira fundamental. Em seu ensaio de 1982, *Ame o teu outro como a ti próprio*, dedicado a Dora Ferreira da Silva, Flusser explora o dilema antropofágico, questionando como é possível integrar o outro sem perder a própria identidade: "como incorporar o outro, e como ser incorporado pelo outro, sem que se perca a diferença de identidade?" (Flusser, 1982b, p.1). Ele recorre à tradição judaica, especificamente à expressão de Hillel, o ancião, que destaca o “teu outro” em vez do “teu próximo”, argumentando que o amor a Deus se revela na aceitação da alteridade.

Ao tentar resolver esse dilema, Flusser defende que o conhecimento só pode ser compreendido de forma relacional, onde a "religiosidade" emerge nas interações humanas, sem objetivação ou subjetivação do outro. Ele critica a projeção do eu sobre o outro, considerando-a um movimento destrutivo que elimina a verdadeira diferença. Para Flusser, o amor reside na imediaticidade da relação, onde "o outro é sacro não pelo fato de eu me encontrar face a ele, mas de eu me encontrar nele". A intersubjetividade, proposta por Flusser como solução ao



dilema antropofágico, transforma a diferença em uma codependência simbiótica, exemplificada pelo conceito de urobóros (Flusser, s/d).

### Conclusão

A intersubjetividade, segundo Vilém Flusser, é um conceito intangível que só ganha sentido quando posto em relação a algo externo, funcionando como uma consciência relacional que se direciona continuamente ao mundo e ao outro. Para ele, essa consciência relacional, sempre desperta para as interações humanas, reflete um processo antropofágico, no qual o pensamento se alimenta da alteridade. Em *Problemas em Tradução*, um texto inédito produzido durante seu envolvimento com o IBF, Flusser evidencia esse diálogo interdisciplinar, afirmando que sua incursão pela teoria do conhecimento, teoria da comunicação e crítica de arte foi motivada por questões de tradução, as quais, para ele, tinham aspectos existenciais e até mesmo religiosos (Flusser, 196-, p. 16).

Essa dimensão existencial, presente em toda sua obra, demonstra que Flusser procurava uma abordagem holística, integrando mídias, artes, design e filosofia, sempre com a preocupação ética, estética e epistemológica de criar novos espaços para a comunicação. A intersubjetividade, vista como o alicerce relacional para construir esses ambientes, é central na proposta de Flusser para superar as modelagens tradicionais. Sua correspondência com Milton Vargas, que tem sido recentemente divulgada, revela com precisão essas intenções. Na linguagem epistolar, a construção de suas ideias se torna mais evidente, mostrando que, para Flusser, o conhecimento era fruto do diálogo direto e do aprendizado compartilhado, algo que difere da forma expositiva encontrada em seus textos publicados.

### Referências bibliográficas

BORNHAUSEN, D. A. B. Os modelos culturais e a crise da educação. Caminhos pedagógicos na Comunicologia de Vilém Flusser. **29º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2020.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: É Realizações, 2018.

FLUSSER, V. **Pós-História**. Vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume, 2011a.

FLUSSER, V. **A dúvida**. São Paulo: Annablume, 2011b.

FLUSSER, V. **A Escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, V. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.



FLUSSER, V. Criação científica e artística. In: **Revista do Instituto Brasileiro de Filosofia**. M5\_IBF\_219. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1982a.

FLUSSER, V. **Ame ao teu outro como a ti próprio**. In. M6-SHALOM-05\_201\_AME TEU OUTRO COMO A TI PROPRIO. In. ESSAYS 2\_PORTUGUESE-A\_ABER-AUT. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1982b.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 12 de janeiro de 1981. In. Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1981a.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 15 de julho de 1981. In. Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1981b.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 22 de dezembro de 1980. In. Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1980.

FLUSSER, V. **Vicente Ferreira da Silva**. In: BOOKS 33\_1\_BOP ATESTADO DE FALTA DE FUNDAMENTOS. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974a.

FLUSSER, V. **Milton Vargas**. In. BOOKS 33\_1\_BOP ATESTADO DE FALTA DE FUNDAMENTOS. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974b.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 17 de fevereiro de 1974. In. Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974c.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 01 de novembro de 1974. In. Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974d.

FLUSSER, V. **Óculos**. In: [SEM REFERENCIA]3078\_OCULOS. ESSAYS 14\_PORTUGUESE-O. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1973.

FLUSSER, V. **Correspondência com Milton Vargas**, 01 de abril de 1970. In Cor\_3\_6-MV-3118\_MILTON VARGAS 2 1978- 31.05.1982 1 OF 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1970.

FLUSSER, V. **Problemas da Tradução**. In. BOOKS 34\_1\_PT\_PROBLEMAS EM TRADUÇÃO. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 196-.

FLUSSER, V. **Uroboro**. In. ESSAYS 18\_PORTUGUESE\_T-U-V-W-X-Z. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, s/d.

LEÃO, M. L. Milton Vargas. **Flusseriana Dictionary** - An Intellectual Toolbox (English/German/Portuguese). Minneapolis, MN: Center for Art and Media Karlsruhe; Vilém Flusser Archive at Berlin University of the Arts; Univocal, 2015.

MENDES, R. **Vilém Flusser: uma história do diabo**. Dissertação de Mestrado. ECA-USP, São Paulo, 2000.

